

FLÁVIA MELO

# Mulheres de Canaã dos Carajás

Histórias de pioneirismo na Terra Prometida



**cesec**

Centro de Estudos de Segurança e Cidadania





O livro **Mulheres de Canaã dos Carajás: histórias de pioneirismo na terra prometida** é parte do projeto **Cidades Seguras para Mulheres**, desenvolvido pelo Centro de Estudos de Segurança e Cidadania (CESeC) desde agosto de 2022.

**Autora**

Flavia Melo

**Pesquisa de campo**

Marilene Aicate Peres e Bruna Sotero

**Coordenação Geral do Projeto**

Silvia Ramos

**Coordenação de Pesquisa e de Campo**

Flavia Melo

**Pesquisadoras**

Bruna Sotero e Marilene Aicate Peres

O projeto **Cidades Seguras Para Mulheres** é uma parceria do Centro de Estudos de Segurança e Cidadania (CESeC), com a **Secretaria Municipal da Mulher e da Juventude**, (SEMMJU) e a **Mineradora Vale**.

**Centro de Estudos de Segurança e Cidadania - CESeC**

**Coordenação**

Julita Lemgruber

Pablo Nunes

Silvia Ramos

**Coordenação Adjunta**

Mariana Siracusa

**Secretaria Municipal da Mulher e Juventude (SEMMJU)**

**Gestão Prefeita**

Josemira Gadelha

**Secretária Municipal da Mulher e Juventude**

Kaliny Ribeiro

**Diretores e Coordenadores**

Antônio Costa

Érika Sobral

Gabriel Prazeres

Inácia Diaz

Mariana Sabadini

Raquel Pereira

Ruth Lene Souza

Soraya Sousa

**Mineradora Vale**

**Diretoria de Investimento**

**Social Privado**

Flávia Constant

**Gerência de Parcerias Intersetoriais**

Andreia Rabetim

Aline Barino

**Gerência de Território**

**PA Metais Básicos**

Silvia Cunha

Anna Lucia de Castro Lemos

**Participantes do I Seminário Cidades Seguras para Mulheres – Canaã dos Carajás, março de 2024**

Alessandra Maranhão

Aline Menezes

Andreia Rabetim

Carolina Caricio Bernadino

Celia Consuelo

Danilo Alves Fernandes

Edna Jatobá

Edna Paula

Flávia Melo

Flávia Valeria

Gabriela Ashanti

Gisele Pereira  
Iransy Goulart  
Joana Barbosa dos Passos  
Jocenia Lima  
Josemira Gadelha  
Katia Edmundo  
Lourdes Follmann  
Luciano Ramos  
Maria do Socorro Leite Prado  
Maria Juciária  
Maria Pereira  
Mariana Aleixo  
Marlene Martins Pereira  
Natália Ferreira  
Renata Rodriguês  
Ruth Lene Souza  
Silvia Cunha  
Suzana Ribeiro Cavalcante  
Telma Moreira

**Este projeto não teria sido possível sem a generosidade de**

Alice de Paula  
Ana Paula Andrade  
Bruno Herick  
Juliana Barroso  
Juliana Gonçalves  
Laice Souza  
Marilda Natal  
Pablo Nunes  
Pastora Soraya  
Raquel Cardoso Rosa  
Renato Cafuzo  
Wellerson Soares  
Wellington Frazão

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

Mulheres de Canaã dos Carajás [livro eletrônico]: histórias de pioneirismo na terra prometida / Flávia Melo...[et al.]. – Rio de Janeiro : CESeC, 2024.

Outros autores: Marilene Aicate Peres, Bruna Sotero, Silvia Ramos.

Formato: Digital e Impresso

ISBN: 978-85-5969-052-1

Biografias de mulheres - Amazônia. I. Melo, Flávia. II. Título.

CDD-920.72

Sueli Costa - Bibliotecária - CRB-8/5213  
(SC Assessoria Editorial, SP, Brasil)

Índices para catálogo sistemático:  
Biografias de mulheres: Amazônia 920.72

# Canaã dos Carajás: a Terra Prometida

Canaã dos Carajás é uma cidade amazônica localizada no sudeste do Pará. Sua urbanização começou nos anos 1980 com a chegada de pequenos produtores e trabalhadores rurais por meio de projetos governamentais de assentamento. A cidade atraiu posseiros, fazendeiros, garimpeiros e trabalhadores da mineração, vindos de diversas partes do país.

O sudeste paraense foi integrado aos expressivos projetos nacionais de ocupação e exploração da Amazônia por meio da implementação do Programa Grande Carajás, em 1982. Naquele ano, o Grupo Executivo das Terras do Araguaia e Tocantins (GETAT) lançou o Projeto de Assentamento Carajás, visando pacificar os violentos conflitos fundiários na região do Bico do Papagaio, no norte goiano, atual Tocantins. Nessa área, a decadência das jazidas de ouro se encontrou com o desenvolvimento da agricultura familiar de subsistência, o avanço da pecuária em pastagens naturais e o surgimento de grandes latifúndios, que intensificaram os conflitos.

Na área onde foi erguida Canaã dos Carajás, a criação dos Centros Administrativos de Desenvolvimento Regional (CEDERE) foi fundamental para o assentamento de famílias migrantes. Os CEDERE I, II e III formaram o núcleo inicial do futuro município. Esses centros administrativos são parte importante da memória das famílias pioneiras da região.

A emancipação política de Canaã dos Carajás aconteceu em duas etapas. Primeiro, em 1988, quando Parauapebas se separou de Marabá, o CEDERE II passou a fazer parte do novo município. Posteriormente, em 5 de outubro de 1994, com a promulgação da Lei n.º 5.860, ocorreu a criação oficial de Canaã dos Carajás, desmembrando o território do CEDERE II de Parauapebas.

O nome “Canaã dos Carajás”, escolhido por meio de um plebiscito, reflete a fé cristã dos primeiros habitantes e evoca a majestosa Serra dos Carajás, rica em minerais e habitada pelos povos indígenas Kayapó, originários dessa terra. Atualmente, os Xikrin Kayapó, conhecidos como “gente da água grande”, residem na Terra Indígena Cateté, na região de Carajás, adjacente às flonas Carajás, Tapirapé-Aquiri e Itacaiúnas. Para a comunidade evangélica, Canaã dos Carajás representa uma nova “terra prometida”, e simboliza esperança de melhores condições de vida e novas oportunidades.

No final dos anos 1990, a descoberta de jazidas de cobre, níquel e ferro transformou profundamente a economia local, que até então era baseada na agropecuária. A Mina do Sossego foi a primeira a ser explorada. Esse novo cenário atraiu investidores e trabalhadores de todo o Brasil, fazendo a população saltar de 10.922 habitantes em 2000 para mais de 50 mil em 2013. A cidade, que antes tinha a agricultura como base econômica, passou a se destacar no setor de mineração.

Em 2022, Canaã dos Carajás tinha uma população de 77.079 pessoas, o maior PIB per capita do Pará e o segundo maior do país – segundo dados do IBGE. Projeta-se que, em 2024, sua população alcance 87 mil pessoas. O município, que abrange uma área de 3.168,21 km<sup>2</sup>, é composto tanto pela zona urbana quanto por vilas e assentamentos rurais, como Vila Planalto, Vila Bom Jesus, Vila Feitosa, Vila Ouro, Vila Mozartópolis, Vila Serra Dourada e Nova Jerusalém. A cidade é um mosaico de histórias em que encontramos as influências das culturas goiana, mineira, maranhense, paraense, e de tantas outras partes do país, formando um rico tapete cultural que enriquece a identidade local.

*O nome “Canaã dos Carajás”, escolhido por meio de um plebiscito, reflete a fé cristã dos primeiros habitantes e evoca a majestosa Serra dos Carajás, rica em minerais e habitada pelos povos indígenas Kayapó*

## As mulheres de Canaã

A formação e a história de uma cidade transcendem suas construções e infraestrutura. Elas estão profundamente enraizadas às vivências e ao cotidiano das pessoas que a habitam. Historicamente, narrativas sobre as cidades têm dado destaque, de maneira privilegiada, aos feitos de homens: desbravadores, descobridores, expedicionários, missionários, bandeirantes e pioneiros. Assim, a história das cidades amazônicas foi, em grande medida, moldada pelas trajetórias masculinas que desbravaram novos territórios. Canaã dos Carajás, por exemplo, é reconhecida por meio das narrativas dos pioneiros que chegaram a esta região da Amazônia paraense e desempenharam papel crucial na formação da cidade.

Mas quais novas perspectivas e descobertas surgem quando conhecemos uma cidade pelas vozes e experiências das mulheres? É inegável que as vidas delas também moldam e transformam a cidade, tornando-as parte da história. Nesta publicação, buscamos explorar fragmentos da formação de Canaã dos Carajás por meio das vidas de mulheres que ali residem, evidenciando o papel fundamental que elas desempenham na construção e no desenvolvimento da cidade. As biografias dessas mulheres que plantaram, produziram, criaram e trouxeram vida a Canaã dos Carajás são testemunhos de resiliência e fontes de inspiração.

*Esta publicação marca os primeiros passos de uma caminhada na qual procuramos destacar o papel das mulheres na formação da cidade e valorizar as suas histórias de vida*

São mulheres que construíram a cidade com as próprias mãos; cujas histórias se entrelaçam com a identidade de Canaã dos Carajás. Cada jornada pessoal é uma peça essencial na formação de um lugar que reflete as suas origens e os seus projetos de futuro. Reconhecer esse fato é entender que uma cidade se ergue sobre estruturas físicas e pela dedicação laboriosa de seus habitantes.

Esta publicação marca os primeiros passos de uma caminhada na qual procuramos destacar o papel das mulheres na formação da cidade e valorizar as suas histórias de vida. Muitas mulhe-

res ficaram de fora, afinal, uma publicação não seria suficiente para dar conta de todas elas e, principalmente, do tamanho de sua importância. Assim, as 15 mulheres que destacamos representam algumas das muitas que conhecemos durante nossas visitas a Canaã, na rea-

lização do projeto Cidades Seguras para as Mulheres, desenvolvido pelo CESeC (Centro de Estudos de Segurança e Cidadania).

Ao interagir com e conhecer um pouco mais cada uma, ficou evidente o modo como todas elas – junto a muitas outras cujas histórias ainda não registramos – escreveram um capítulo importante que merece ser lido e divulgado. Desejamos que esta seja apenas a primeira de outras publicações em que possamos celebrar as mulheres de Canaã.

## PARÁ



Suzana Ribeiro Cavalcante  
(Marabá)



Judith Almeida  
(São Domingos do Capim)



Daniela Bonfim  
(Tailândia)



Flávia Araújo  
(Parauapebas)



CANAÃ DOS CARAJÁS



## CEARÁ

Maria Enfermeira  
(Jaguaribara)

## MARANHÃO



Maria Madalena de Oliveira Rocha  
(Buritirana)



Edileuza Rocha de Oliveira  
(Buritirana)



Glória Maria Passos Vieira  
(Barra do Corda)



Francisca Feitosa  
(Governador Archer)

## TOCANTINS



Rosilene Barbosa  
(Araguacema)

## PERNAMBUCO



Maria José Sobral  
(Recife)

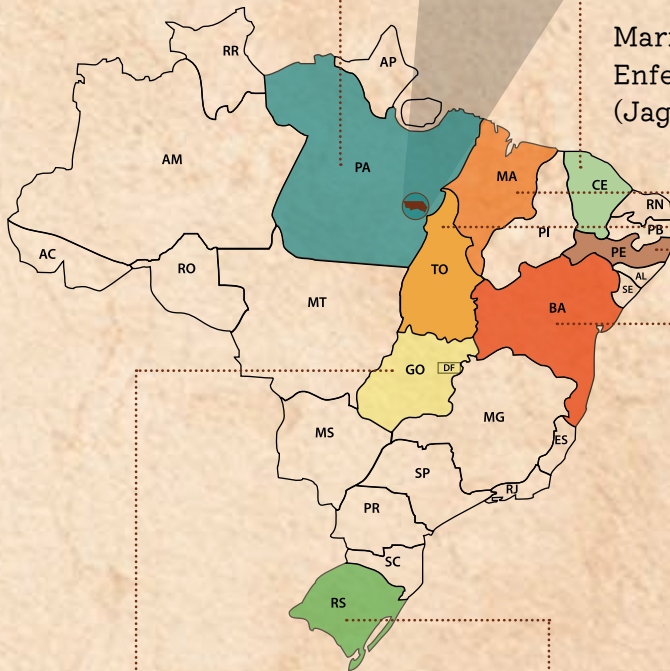


Maria Aparecida da Silva  
(Caruaru)

## BAHIA



Valmira Gonçalves Moreira  
(Cariranha)



## GOIÁS



Maria da Luz dos Santos  
(Itapurunga)

## RIO GRANDE DO SUL



Ir. Lourdes Follmann, FDC  
(Giruá)

# Mulheres de Canaã, origens



*Maria Viúva*

Maria da Luz dos Santos

Itapuranga - Goiás >> Canãa dos Carajás  
desde 1983



# Maria da Luz dos Santos

Maria Viúva, como é conhecida desde que chegou à cidade, tem 84 anos, uma longa vida marcada por desafios e superações. Aos 20 anos, casou-se com Jerônimo, com quem compartilhou 15 anos de casamento e seis filhos. Em 1975, seu marido faleceu, deixando-a viúva com a difícil missão de criar os filhos sozinha. Na época, Maria vivia em Araguapaz, no interior de Goiás, e foi lá que conheceu o evangelho, convertendo-se ao cristianismo.

Após a morte do marido, Maria decidiu deixar Goiás e buscar um recomeço para sua família. Antes de se estabelecer na zona urbana de Canaã dos Carajás – conhecida localmente como “a rua” –, passou por Sapucaia e pela Vila Feitosa. Como muitas outras da região, esta vila surgiu do assentamento promovido pelo GETAT, a partir da ocupação da Fazenda Três Braços, em 1983. O nome da Vila homenageia um de seus primeiros moradores, o senhor Feitosa, comerciante que possuía uma mercearia e um bar no local.

A mudança para Canaã foi motivada pela necessidade de Maria sustentar os filhos e tomar posse de terras que Jerônimo havia adquirido anos antes. Ao chegar, ela enfrentou o impacto de uma região ainda coberta pela densa Floresta Amazônica, onde a malária fazia inúmeras vítimas. Desse período em diante, ela passou a ser conhecida por todos como Maria Viúva, nome que se tornou sinônimo de pioneirismo em Canaã.

Entretanto, a maior dor de sua vida não foi a morte do marido, mas o assassinato de seu filho Joel, de apenas 14 anos. Na época, a família vivia na Vicinal P20, e seu filho, um habilidoso músico, foi morto por se recusar a tocar violão em um bar devido a suas convicções religiosas.

Apesar disso, em Canaã dos Carajás, ela pôde reconstruir sua vida, tornando-se uma figura respeitada na comunidade. Integrante ativa da Assembleia de Deus, uma igreja com raízes no Pará que se espalhou por todo o Brasil, Maria Viúva ainda reúne filhos, netos e bisnetos na “roça”. Lá, preparam cuidadosamente as deliciosas pamonhas e os bolinhos trançados de polvilho frito, aos quais a família deu o nome “vereador”, preservando os saberes e sabores goianos que trouxe consigo. Para as pessoas que a conhecem, ela é um exemplo de fé e resiliência.

*Viúva com a difícil missão de criar os filhos sozinha*



*Conheceu o evangelho*



*Enfrentou o impacto de uma região ainda coberta pela densa floresta amazônica*



*Seu filho, um habilidoso músico, foi morto por se recusar a tocar violão em um bar*



*Maria Viúva ainda reúne filhos, netos e bisnetos na “roça” para preparar cuidadosamente deliciosas pamonhas, e os bolinhos*



*Para as pessoas que a conhecem, ela é um exemplo de fé e resiliência.*



*Ir. Lourdes*

Ir. Lourdes Follmann FDC

Giruá - Rio Grande do Sul >> Canãa dos Carajás  
desde 1983

## Ir. Lourdes Follmann, FDC

Aos 30 anos, em 1983, a jovem gaúcha Lourdes Follmann chegou ao sudeste do Pará, acompanhada por duas missionárias católicas da Congregação das Filhas do Amor Divino. As freiras faziam parte do projeto Igrejas-Irmãs, criado pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) em 1972, que promovia a cooperação solidária entre a Diocese de Santo Ângelo, no Rio Grande do Sul, e a Diocese de Marabá, no Pará.

A região vivia tempos desafiadores. A Guerrilha do Araguaia – movimento armado de oposição à Ditadura Militar, organizado entre 1967 e 1974 – havia sido duramente reprimida por operações militares como as operações Papagaio (1972), Marajoara (1973) e Limpeza (1974), esta última liderada pelo coronel Sebastião Curió Rodrigues de Moura, que mais tarde seria nomeado interventor em Serra Pelada.

Após a descoberta da jazida de ouro em Serra Pelada, em 1980, milhares de garimpeiros foram atraídos em busca do sonho de ‘bamburrar’ no maior garimpo a céu aberto do mundo. Quando as Filhas do Amor Divino chegaram, o garimpo estava no auge, sob o rígido controle de Curió. Nas proximidades da jazida, surgia Curionópolis, elevado a município em 1988, onde Irmã Lourdes e suas companheiras se estabeleceram.

Foi ali que, em abril de 1985, uma tragédia marcou suas vidas: Irmã Adelaide Molinari foi assassinada na Rodoviária de Eldorado dos Carajás, enquanto acompanhava Arnaldo Delcídio Ferreira, delegado do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Marabá. O alvo era o sindicalista, que sobreviveu ao atentado, mas foi morto anos depois. Episódios de violência como esse não eram isolados. A região vivia conflitos intensos, tanto relacionados ao garimpo quanto a disputas fundiárias. Em 1996, Eldorado dos Carajás seria palco do massacre em que 21 trabalhadores foram assassinados pela Polícia Militar.

Irmã Lourdes também sofreu ameaças de morte e viveu sob proteção policial. Ela se recorda com pesar da morte de sua amiga e de muitas outras vítimas da violência, como o jovem Zé Pereira, assassinado aos 18 anos na Fazenda Espírito Santo, em Rio Maria. Esse período de sua vida está registrado no livro *Rio Maria - Canto da Terra (2008)*, de Ricardo Rezende Figueira, e no documentário *Anel de Tucum (1994)*.

Antes de se estabelecer em Canaã dos Carajás, onde vive até hoje, aos 78 anos, Irmã Lourdes morou em Parauapebas, Rio Maria e Curionópolis, ainda em um período anterior ao que essas localidades se tornaram municípios. Em Canaã, ela fundou o Programa de Economia Solidária, ao qual continua se dedicando, promovendo alternativas de geração de trabalho e renda para diversas mulheres da cidade.

*A jovem gaúcha chegou acompanhada por duas missionárias católicas*



*A região vivia tempos desafiadores*



*Quando as Filhas do Amor Divino chegaram, o garimpo estava no auge, sob o rígido controle de Curió*



*A região vivia intensos conflitos, tanto relacionados ao garimpo quanto a disputas fundiárias*



*Irmã Lourdes sofreu ameaças de morte e viveu sob proteção policial. Lembra da morte da amiga e de muitas outras vítimas da violência.*



**Madalena**

**Maria Madalena de Oliveira Rocha**

Buritirana - Maranhão >> Canã dos Carajás  
desde 1980

# Maria Madalena de Oliveira Rocha

Irmã de Madonna, Madalena é filha de Maria de Oliveira Rocha. Chegou ao Pará aos 11 anos, e lá viveu até o fatídico junho de 1986. A mãe, aos 74 anos, lembra com clareza dos acontecimentos que marcaram a vida de sua família, apesar da idade.

Devido às dificuldades financeiras, Maria precisou contar com o apoio de parentes para criar seus filhos. Após a separação, dois deles ficaram com o pai no Maranhão, enquanto outros três permaneceram com ela, em um modesto quarto nos fundos de uma igreja na periferia de São Paulo. As duas meninas, Madalena e Madonna, foram enviadas para morar com a tia Eulália em Parauapebas. Na casa de Madonna, agora radialista, uma antiga fotografia da família ainda mostra os irmãos juntos, como um símbolo dos tempos que a distância separou.

Embora Madalena tenha vivido apenas dois anos na zona rural de Canaã dos Carajás, sua história continua viva na memória dos moradores da cidade, que estava começando a se formar. O antigo cemitério municipal, hoje atravessado pela Avenida Weyne Cavalcante, é chamado Santa Madalena, em sua homenagem.

Recém-chegada à fazenda onde passaria a viver com os tios, Madalena ainda brincava de bonecas quando atraiu a atenção de Onofre, um homem muito mais velho, empregado de seu tio. Mais tarde, descobriu-se que ele havia chegado àquela região fugido de outro local, por razões desconhecidas. Sem jamais corresponder às investidas do homem, Madalena começou a receber cartas e declarações de amor que sua mente infantil mal conseguia entender. Onofre falava em casamento, sem nunca receber qualquer sinal de incentivo. Frustrado, um dia, enquanto a menina almoçava, ele a atacou brutalmente, tirando-lhe a vida.

Os detalhes do crime, relatados por testemunhas, foram contados à mãe, que os repete como se tivesse presenciado cada momento. Para Madonna, sua irmã Madalena é a pioneira do Cemitério de Canaã que recebeu seu nome. Um triste lembrete da vida interrompida. Onofre, o algoz, fugiu logo após o crime e nunca foi encontrado.

*Recém-chegada à fazenda onde passaria a viver com os tios, ainda brincava de bonecas quando atraiu a atenção de Onofre, um homem muito mais velho, empregado de seu tio*



*Onofre falava em casamento, sem nunca receber qualquer sinal de incentivo. Frustrado, um dia, enquanto a menina almoçava, ele a atacou brutalmente, tirando-lhe a vida*



*Madalena é a pioneira do Cemitério de Canaã que recebeu seu nome em homenagem, um triste lembrete da vida interrompida*



*Aparecida*

Maria Aparecida da Silva

Caruaru - Pernambuco >> Canã dos Carajás  
desde 1984

# Maria Aparecida da Silva

Maria Aparecida da Silva, 53 anos, deixou Caruaru (PE) em 1984 e chegou a Canaã dos Carajás aos 11 anos, acompanhada dos pais, em busca de trabalho e melhores condições de vida. Sempre viveu na Vila Bom Jesus, em uma casa com paredes de madeira e piso de alvenaria, cuidadosamente organizada. Seu quintal é repleto de flores, pés de feijão, pimenteiras, vinagreiras e outras ervas que cultivou com esmero.

A Vila Bom Jesus tem cerca de 300 famílias e se formou nos anos 1980, com o processo de assentamentos do GETAT, e a chegada de trabalhadores remanescentes da extração de ouro em garimpos. Em 1997, descobriu-se nas suas proximidades a reserva de cobre que levou à construção da Mina do Sossego. Justamente por estar próxima à mina, Bom Jesus é impactada pela atividade mineradora, e por isso beneficiada por projetos de urbanização, educação e geração de renda.

Aparecida lembra dos primeiros anos na Vila. À época, existiam apenas duas casas: a dos funcionários da Superintendência de Campanhas de Saúde Pública (SUCAM) e uma usina de arroz. O acesso aos mantimentos básicos e serviços de saúde era difícil. As viagens para Marabá e Parauapebas, em carrocerias de caminhão, podiam durar até uma semana. Muitos nascimentos aconteciam em casa, pelas mãos de parteiras, e as doenças eram tratadas com remédios caseiros compartilhados entre as mulheres, tal como o ofício de parteira, ensinado a ela por Dona Mariquinha.

Na Vila ela conheceu o marido, com quem se casou aos 16 anos. Seu casamento foi marcado por muitas separações. Numa dessas ocasiões, sua filha mais nova tinha oito dias, e Aparecida, ainda em resguardo, teve de trabalhar ainda mais para alimentar os quatro filhos. Suas mãos, marcadas pelo carvão, carregam o peso de sua história, mas também trouxeram ao mundo mais de 30 crianças.

Quando Aparecida estava definitivamente separada, sua filha deu à luz e ela decidiu passar alguns meses em Minas Gerais, auxiliando-a nos cuidados com o bebê. Ao retornar para Canaã, começou a trabalhar com o seu irmão em um garimpo, cozinhando refeições para mais de 20 homens. Certo dia, seu irmão não pôde levá-la de volta à casa e pediu que um amigo de confiança a acompanhasse. Foi então que ela reconheceu Miguel, o menino que certa vez carregou no colo para atravessar o rio Parauapebas, enquanto a mãe dele equilibrava uma bacia de roupas.

Miguel passou a cortejá-la. E entre idas e vindas ao garimpo, na garupa de uma motocicleta Bros, Aparecida encontrou o amor. Os sete meses que viveram juntos foram os mais intensos e significativos de sua vida. Ele dividia seus dias entre o garimpo e o trabalho como eletricitista em uma empresa na Vila Bom Jesus. Em uma tarde de maio de 2021, Aparecida o esperava em casa quando recebeu a notícia de que ele havia falecido em um acidente de trabalho, vítima de eletrocussão. Apesar da imensa dor, ela mantém viva a lembrança desse amor. Como em sua radionovela favorita, Pollyana Moça, ela desenha, em uma tela bege, pontos de bordado que tecem histórias coloridas, transformando sua saudade em arte.

*Chegou a Canaã dos Carajás aos 11 anos*



*Seu quintal é repleto de flores, pés de feijão, pimenteiras, vinagreiras e outras ervas que cultivou com esmero*



*Pela proximidade à mina, Bom Jesus é impactada pela atividade mineradora, e por isso beneficiada por projetos de urbanização, educação e geração de renda*



*As viagens para Marabá e Parauapebas, em carrocerias de caminhão, podiam durar até uma semana*



*Suas mãos, marcadas pelo carvão, carregam o peso de sua história, mas também trouxeram ao mundo mais de trinta crianças*



*E entre idas e vindas ao garimpo, na garupa de uma motocicleta Bros, Aparecida encontrou o amor*



*Suzana da Emater*

Suzana Ribeiro Cavalcante

Marabá - Pará >> Canãa dos Carajás  
desde 1986



# Suzana Ribeiro Cavalcante

Suzana da Emater, servidora pública concursada da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Pará, foi transferida para o CEDERE II, atual Canaã dos Carajás, em 1986. Naquele período, caminhões lotados de pessoas chegavam de diversas regiões do país, em busca de oportunidades, e cabia ao Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) distribuir os lotes de terra. A cidade, ainda em formação, contava com menos de 3 mil habitantes.

Os primeiros anos foram particularmente difíceis para Suzana. Nascida e criada em Marabá, a maior cidade da região, ela sentia falta da infraestrutura e dos recursos que deixara para trás. Com 29 anos, era a única mulher de sua equipe de trabalho, mas rapidamente fez amizade com outras jovens profissionais: Maria, enfermeira, e Dalva, técnica do GETAT. As três, todas solteiras, dividiam o alojamento das enfermeiras, onde cresceu a amizade entre Suzana e Maria, conhecida hoje como Maria Enfermeira.

Essa amizade foi forjada no convívio diário e no trabalho árduo. Sem eletricidade na região, Suzana ajudava Maria durante os partos à noite, segurando velas para iluminar o trabalho da colega. Entre risos, Maria relembra os momentos em que Suzana, sem querer, deixava a cera quente das velas pingar em seus braços.

O nascimento de crianças é um capítulo importante na história da formação de Canaã dos Carajás. Com o hospital mais próximo localizado em Parauapebas e o acesso complicado até ele, as mulheres em trabalho de parto enfrentavam longas e difíceis viagens na carroceria de caminhões. A equipe da Emater, muitas vezes, transportava as grávidas em seu Gurgel, tentando aliviar o sofrimento. Certa vez, uma mulher deu à luz no meio do caminho, dentro do carro da empresa, e a criança foi batizada de Eumateia. No entanto, a maioria dos partos ocorria em casa, com o auxílio de parteiras, ou no posto de saúde, pelas mãos habilidosas de Maria Enfermeira.

O sofrimento das parturientes, seus gritos e choros de dor tocaram profundamente Suzana, que decidiu colaborar ainda mais, assistindo Maria nos partos. Sua dedicação e solidariedade renderam-lhe muitos afilhados – amadrinhou duas crianças nascidas no CEDERE II e outras 14 após a emancipação de Canaã dos Carajás.

Suzana guarda na memória o plebiscito de 1994 que determinou a emancipação do município. Entre os nomes sugeridos para a nova cidade estavam Vale dos Carajás, Princesa do Pará e o vencedor: Canaã dos Carajás. Ela própria escolheu esse nome, acreditando que a cidade poderia se tornar uma verdadeira “terra prometida”, próspera e desenvolvida.

*Caminhões lotados de pessoas chegavam de diversas regiões do país, em busca de oportunidades*



*Com 29 anos, era a única mulher de sua equipe de trabalho, mas rapidamente fez amizade com outras jovens*



*Sem eletricidade na região, ajudava durante os partos à noite, segurando velas para iluminar o trabalho*



*Certa vez, uma mulher deu à luz no meio do caminho, dentro do carro da empresa, e a criança foi batizada de Eumateia*



*Sua dedicação e solidariedade renderam-lhe muitos afilhados*



*Maria José*

Maria José Sobral

Recife - Pernambuco >> Canãa dos Carajás  
desde 1993

# Maria José Sobral

Maria José, aos 71 anos, carrega no coração a história de uma vida marcada por lutas e superações. Mãe de dez filhos, converteu-se ao cristianismo aos 10 anos, em Recife (PE), sua terra natal. De sua infância no Nordeste, guarda memórias dolorosas, como a perda de sete irmãos para a Doença de Chagas, causada pelo bicho-barbeiro, que se escondia nas frestas das casas de taipa, como a que ela cresceu. As paredes de barro guardavam não apenas o calor do sol, mas as marcas de uma vida árdua.

Antes de fixar raízes em Canaã dos Carajás, em 1993, um pouco antes da emancipação do município, Maria passou pelo Vale do Jequitinhonha (MG), e por Santo Amaro (SP). Viveu na capital paulista por 28 anos, e trabalhou como sacoleira, enfrentando as dificuldades da vida urbana. Mas o sonho de encontrar um lugar melhor para sua família nunca a abandonou. O convite de uma vizinha abriu-lhe o caminho para o norte do país, e assim, numa longa jornada de ônibus, cruzou mais de 2 mil quilômetros pela BR-153 (antiga BR-14).

Essa estrada, também chamada Transbrasiliana ou Belém-Brasília, com seu nome oficial de Presidente João Goulart, representava à época um dos mais ambiciosos projetos de colonização da Amazônia. Construída entre 1958 e 1960, a rodovia – de mais de 3,5 mil quilômetros – foi inaugurada por Juscelino Kubitschek. Ela cortou a imensidão da Floresta Amazônica, conectando o sul ao norte do Brasil, transformando paisagens e histórias.

Quando chegou ao Pará, Maria encontrou em Canaã dos Carajás a sua terra prometida, ainda jovem e em fase de desenvolvimento. Com o desejo de recomeçar, decidiu abrir o primeiro restaurante da cidade, o Restaurante do Mineiro, experimentando as receitas que aprendera nos tempos do Vale do Jequitinhonha. O estabelecimento logo se tornou um ponto de encontro, atraindo moradores e viajantes. Além de comida, o restaurante oferecia um lugar de encontros, onde muitas histórias se misturavam ao sabor de um manguão quentinho – um bolo salgado de polvilho azedo, ovos e queijo –, sempre servido com uma xícara de café e uma boa conversa.

Entre tantas conquistas, Maria carrega uma dor profunda. No ano 2000, perdeu seu quarto filho, um jovem músico e compositor talentoso, cuja partida deixou um vazio imensurável em sua vida. Devastada pela perda, Maria repassou o restaurante a um novo administrador e, desde então, dedicou-se completamente aos ofícios religiosos.

Embora o luto tenha marcado sua jornada, Maria nunca permitiu que a tristeza a dominasse. Sua fé se tornou um porto seguro e encontrou, na sua comunidade religiosa, o consolo e a força para continuar. Hoje, leva consigo histórias de dor e de superação, além de uma fé que ilumina seu caminho e a sustenta dia após dia.

*Mãe de dez filhos, aceitou  
Jesus ainda criança*



*As paredes de barro  
guardavam não apenas  
o calor do sol, mas as  
marcas de uma vida árdua*



*O sonho de encontrar um  
lugar melhor para sua  
família nunca a abandonou*



*Com o desejo de  
recomeçar, decidiu abrir  
o primeiro restaurante da  
cidade*



*No ano 2000, perdeu seu  
quarto filho, um jovem  
músico e compositor  
talentoso, cuja partida  
deixou um vazio  
imensurável em sua vida*



*Na sua comunidade  
religiosa encontrou o  
consolo e a força para  
continuar*



*Madonna*

Edileuza Rocha de Oliveira

Buritirana - Maranhão >> Canãa dos Carajás  
desde 2003

# Edileuza Rocha de Oliveira

Edileuza foi a pioneira entre as mulheres radialistas de Canaã dos Carajás. Conhecida como a “mulher-amor” da FM 99,9, ela tem 46 anos e adotou o pseudônimo “Madonna” após dublar a famosa cantora pop americana durante uma celebração do Dia Internacional da Mulher, em 8 de março de 1994. Nessa época, ainda não morava em Canaã, cidade que se tornaria sua morada definitiva somente em 2003.

Desde muito jovem, Edileuza nutria uma profunda paixão pelas ondas do rádio. Na infância, sonhava com um presente especial: um rádio de pilha que pedira ao Papai Noel. Sempre atenta às vozes que vinham do aparelho, foi ouvindo e lendo cartas para sua avó que aprendeu a arte da locução. Suas leituras traziam vida às palavras, e sua avó sentia-se imersa nas mensagens. Apesar do talento inato, a avó jamais incentivou a neta a seguir essa carreira, que, na época, era vista como um caminho inadequado para moças.

Já adolescente, trabalhando como babá nas periferias de São Paulo, Edileuza guardava cada centavo para realizar o antigo sonho: comprar seu próprio rádio. Com o aparelho em mãos, ouvia as transmissões escondida nos cantos da casa, enquanto a paixão pela rádio crescia. A vida em São Paulo, no entanto, não era fácil. A família, originária do Maranhão, enfrentava muitas dificuldades. Madonna, a sétima de oito filhos, morava com a avó, enquanto seus irmãos viviam com os pais, e sua irmã Madalena havia sido levada para morar com uma tia em Parauapebas, em 1985, aos 11 anos.

Em 1994, aos 16 anos, Edileuza seguiu os passos da irmã e embarcou com destino ao Pará, levando consigo um baú de enxoval e o sonho de se tornar radialista. Chegando a Parauapebas, trabalhou para um homem que operava um sistema de alto-falantes, mas o ofício duro a mantinha longe dos microfones. Pouco depois, conheceu um homem ligado à área de comunicação, com quem se casou. No entanto, a magia inicial logo se desfez, dando lugar a um relacionamento conturbado. Apesar da falta de apoio e dos maus-tratos, Madonna finalmente realizou seu sonho, estreando como locutora em uma rádio local de Parauapebas, colocando em prática o que aprendera nas horas solitárias com seu rádio de pilha e nas leituras ao lado da avó.

Após muito tempo, conseguiu romper com o relacionamento abusivo e reconstruir sua vida, dedicando-se aos filhos e à profissão. Em 2003, Madonna estabeleceu-se definitivamente em Canaã dos Carajás, tornando-se uma das primeiras moradoras do Nova Brasil, um bairro nascente nas bordas da cidade, perto de um antigo lixão.

Sua voz, inconfundível, ressoa nas tardes de Canaã dos Carajás, quando, de segunda a sábado, ela comanda o “Programa Interatividade” na Rádio Correio FM, levando sua energia e carisma aos ouvintes, como sempre sonhou.

*Conhecida como a “mulher-amor” da FM 99,9, ela tem 46 anos e adotou o pseudônimo “Madonna”*



*Desde muito jovem, nutria uma profunda paixão pelas ondas do rádio*



*Guardava cada centavo para realizar o antigo sonho: comprar seu próprio rádio*



*Apesar da falta de apoio e dos maus-tratos, Madonna finalmente realizou seu sonho, estreando como locutora em uma rádio local de Parauapebas*



*Em 2003, Madonna estabeleceu-se definitivamente em Canaã dos Carajás, tornando-se uma das primeiras moradoras do Nova Brasil, um bairro nascente nas bordas da cidade, perto de um antigo lixão.*



*Sua voz, inconfundível, ressoa nas tardes de Canaã dos Carajás*



*Glória*

Glória Maria Passos Vieira

Barra do Corda - Maranhão >> Canã dos Carajás  
desde 1997

## Glória Maria Passos Vieira

Glória, uma artesã de 54 anos, é maranhense e chegou a Canaã dos Carajás em 1997, quando a cidade contava com apenas duas ruas. Junto ao marido, ela administra a Oficina do Couro, uma loja de artesanato que integra o Programa de Economia Solidária, fundado pela Irmã Lourdes. O casal tem quatro filhos – dois nascidos no Maranhão e dois em Canaã –, mas atualmente todos moram longe devido aos estudos.

Glória e Chagas se conheceram em Parauapebas quando ele trabalhava no setor de mineração. Ao se mudarem para Canaã, ela se tornou a primeira professora de inglês do município. Em 2013, decidiu deixar o serviço público e dedicar-se integralmente ao artesanato, sua verdadeira paixão.

O amor pelas artes começou cedo, ainda no Maranhão, quando, aos 12 anos, acompanhava a tia em cursos de artesanato promovidos pelo Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral). Anos mais tarde, durante uma viagem de férias, ela descobriu o artesanato em couro, motivado pelos resíduos da pecuária regional. Seu interesse pelo couro se aprofundou em Parnaíba, no Piauí. Aprendeu todo o processo de preparação e beneficiamento do couro de carneiro, material que utiliza para criar belas peças, vendidas no mercado municipal de Canaã e em feiras da região.

Em 2018, cansados do ritmo da vida urbana, Glória e Chagas trocaram “a rua”, como os moradores locais chamam a área urbana de Canaã, pela “roça”, como é conhecida a zona rural. Lá, eles criam carneiros, garantindo a matéria-prima para o artesanato, ao mesmo tempo em que reaproveitam os resíduos dos curtumes.

Embora prefira a tranquilidade da roça, Glória mantém um pequeno box no mercado municipal. Lá, além de vender suas peças, atua como uma espécie de confidente para amigos antigos que a procuram para conversar. Ela se orgulha de dizer que, no mercado, conhece pessoas de todo tipo e sempre está aberta a novas histórias.

*Junto ao marido ela administra a Oficina do Couro, uma loja de artesanato que integra o Programa de Economia Solidária*



*Se tornou a primeira professora de inglês do município*



*Durante uma viagem de férias, ela descobriu o artesanato em couro, motivado pelos resíduos da pecuária regional*



*Criam carneiros, garantindo a matéria-prima para o artesanato, ao mesmo tempo em que reaproveitam os resíduos dos curtumes*



1980  
Descoberta  
da Serra  
Pelada



1986  
Assassinato  
de Madalena  
Rocha



1996  
Criação  
da Floresta  
Nacional  
de Carajás



1982  
Lançamento  
do Programa  
Grandes  
Carajás



1985  
Assassinato de Ir.  
Adelaide Molinari



1996  
Chacina  
de Eldorado  
dos Carajás



1985  
Inauguração  
da ferrovia  
dos Carajás



1994  
Criação  
de Canaã  
dos Carajás

1980

1983

1984

1986

1994

Maria Viúva

Lourdes Follmann

Maria Aparecida

Suzana da Emater

Maria José Sobral

Madalena Rocha

Maria Enfermeira

Madonna Rocha





1997  
Privatização  
da Companhia  
Vale do Rio  
Doce



2007  
Instalação do  
Acampamento Diná  
Teixeira na Fazenda São  
Marcos (Paraúpebas)



2016  
Início das  
Operações da  
Mina SD11



2020  
A população de  
Canaã do Carajás  
chega a 77 mil  
habitantes



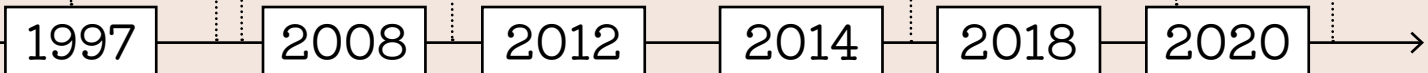
2004  
Inauguração  
da Mina do  
Sossego



2010  
A população de Canaã  
chega a 26,7 mil  
habitantes



2020  
Inauguração  
da Avenida  
Weyne  
Cavalcante



Glória Vieira Judith Almeida Daniela Bonfim Rosilene Barbosa Flávia Araújo Valmira Moreira

Francisca Feitosa

## As mulheres de Nova Jerusalém

Cinco mulheres. Quatro gerações. Cinco vidas conectadas por linhas, máquinas de costura e lonas pretas. As chegadas de Francisca Feitosa, Rosilene Barbosa, Judith Almeida, Daniela Bonfim e Flávia Araújo à Nova Jerusalém estão intimamente ligadas ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Todas elas vieram do antigo acampamento Diná Teixeira. Este acampamento foi instalado em 2007 na Fazenda São Marcos, a 15 km de Parauapebas, e recebeu esse nome em homenagem a Dinalva Conceição Oliveira Teixeira – geóloga baiana, militante comunista, que participou da Guerrilha do Araguaia e foi morta em 1974, por ocasião da Operação Limpeza.

Em 2008, quando a justiça paraense determinou a reintegração de posse da fazenda São Marcos, mais de 3 mil pessoas estavam acampadas no local. Pouco a pouco, algumas das famílias deixaram o acampamento e se estabeleceram na Agrovila Nova Jerusalém, um modelo de ocupação implementado na Amazônia durante a segunda metade do século XX, e organizado por meio de núcleos residenciais conjugados a lotes de terra para a agricultura familiar. Na Vila, as cinco mulheres encontraram no Ateliê Agulha Mágica um espaço de acolhimento e aprendizado. Embora o ofício de costureira lhes ofereça a possibilidade de outra fonte de sustento, a agricultura conecta suas vivências às suas raízes antes de chegarem a Canaã dos Carajás.



## Judith Almeida

São Domingos do Capim - Pará >> Canãa dos Carajás  
desde 2008

Aos 53 anos, Irmã Judith pode ser caracterizada como uma mulher resiliente. Nasceu em São Domingos do Capim (PA), mudou-se para o Maranhão aos seis anos e retornou ao Pará 38 anos depois. Segunda filha dentre seis irmãos, é mãe de quatro filhos. No MST enfrentou fazendeiros e pistoleiros dispostos a fazer qualquer trabalho que lhes fosse determinado. Mesmo diante dos conflitos e perigos, Judith nunca desistiu. Ela persistiu na luta pela terra, o que lhe ofereceu segurança e a oportunidade de uma vida mais digna. Antes de se fixar em Nova Jerusalém, percorreu muitas terras em busca de algo que só encontrou na Canaã, seu refúgio, a terra que trouxe felicidade a ela e a sua família.

*É uma mulher resiliente*

*No MST enfrentou  
fazendeiros e pistoleiros  
dispostos a fazer qualquer  
trabalho que lhes fosse  
determinado*

*Ela persistiu na luta pela  
terra, o que lhe ofereceu  
segurança e a oportunidade  
de uma vida mais digna*

*Percorreu muitas terras  
em busca de algo que só  
encontrou na Canaã, seu  
refúgio, a terra que trouxe  
felicidade a ela e a sua família*



## Francisca Feitosa

Governador Archer - Maranhão >> Canã dos Carajás  
desde 2008

Francisca nasceu no Maranhão e chegou ao Pará em 1984. Aos 62 anos, é mãe de dois filhos e avó de cinco netos. Esteve na Fazenda São Marcos por um ano, até agosto de 2008. Em suas memórias, naquele momento, eram 600 as famílias acampadas quando tiveram início as negociações para distribuição de lotes na Agrovila. Seja no acampamento ou na Agrovila, ela está convencida de que a liderança das mulheres incomoda os homens. Mesmo em face das ameaças sofridas no passado, quando vivia no Diná Teixeira, ou das ofensas no presente, Francisca nunca abaixou a cabeça e se sente orgulhosa em construir a Associação Mulheres Empoderadas da Região Carajás, projeto de uma nova organização exclusivamente feminina. “Os homens falam que lugar de mulher é na cozinha, mas agora as mulheres estão tendo espaço”.

*Mãe de dois filhos e avó de cinco netos*

*Francisca nunca baixou a cabeça e se sente orgulhosa em construir a Associação Mulheres Empoderadas da Região Carajás*

# Daniela Bonfim

Tailândia - Pará >> Canãa dos Carajás  
desde 2012

Daniela tem 34 anos e um sorriso contagiante. É casada e tem um casal de filhos, de 12 e 4 anos. Natural de Tailândia (PA), trabalha como secretária do ateliê, costura e labuta na roça. É uma mulher forte. Foi para o acampamento com sua primeira filha ainda recém-nascida. Embora casada, o marido discordava da sua decisão de ocupar um lugar de conflito e não a acompanhou. Com o passar do tempo, seu marido não teve alternativa senão juntar-se à esposa e à filha na Vila Jerusalém, na época um lugar ermo e sem muitos recursos. Quando Daniela decidiu mudar-se para a Agrovila, sua filha tinha sete meses. O convite para se juntar à ATRANJ não demorou a chegar, afinal, quando o assunto é a busca por melhoria de vida e de direitos, Daniela não hesita. Junto a Francisca e outras mulheres do Ateliê, sonha com a criação de uma nova associação para fortalecer a organização das mulheres.

*Tem 34 anos e um sorriso contagiante*

*Além de secretária do ateliê, costura e labuta na roça*

*Quando o assunto é a busca por melhoria de vida e de direitos, Daniela não hesita.*





## Rosilene Barbosa

Araguacema - Tocantins >> Canã dos Carajás  
desde 2014

A pastora e coordenadora do Ateliê Agulha Mágica tem 59 anos. É mãe de cinco filhos, avó de 12 netos e três bisnetos, e há dez anos chegou à cidade de Canã dos Carajás. Viveu bons momentos quando se casou. Morou em Redenção, no Mato Grosso, e em Ourilândia e Rondon, no Pará. De Rondon foi para Canã dos Carajás, morou na “rua” por dois anos, enfrentou restrições financeiras, e um grave problema fez a família perder todos os bens materiais. Quando chegaram à Agrovila, ela e o marido, ambos pastores, assumiram por pouco tempo a direção de uma igreja. Ao chegar no “fundo do poço”, uma colega a convidou para ir à Associação dos Trabalhadores Rurais da Agrovila Nova Jerusalém (ATRANJ) fazer um curso de corte e costura oferecido. Graças ao curso envolveu-se com outras mulheres da associação e, incentivada por elas, conquistou a direção do Ateliê. Hoje, dez mulheres sob sua liderança recebem encomendas de empresas da cidade. Recorda-se da primeira grande encomenda para confeccionar 4 mil necessárias, um imenso desafio superado coletivamente. O trabalho no ateliê, além de render financeiramente, é definido como um “hospital” que a curou, ajudou na recuperação da autoestima e a fez ficar bem novamente.

*Pastora e coordenadora do  
Ateliê Agulha Mágica tem  
59 anos*

*Morou na “rua” por dois  
anos e enfrentou restrições  
financeiras e um grave  
problema a fez perder  
todos os bens materiais*

*Recorda-se da primeira  
grande encomenda para  
confeccionar quatro mil  
necessaires*

# Flávia Araújo

Parauapebas - Pará >> Canaã dos Carajás  
desde 2018

Flávia tem 22 anos e é neta de um militante do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Filha de uma agricultora, seguiu os passos da mãe, sustentando-se por meio da agricultura desde que sua família se estabeleceu na comunidade. É a mais jovem das mulheres que compõem o Ateliê Agulha Mágica, criado após um curso de corte e costura oferecido às moradoras da Agrovila pela Associação. De segunda a sexta-feira, ela divide seu tempo entre as costuras e as conversas animadas com as mulheres mais velhas. Além de aprender, encontra distração e camaradagem. Nos fins de semana, Flávia ajuda sua mãe no mercado municipal de Canaã dos Carajás, comercializando os produtos da roça, como farinha, goma de tapioca e outros derivados da mandioca. Apesar da pouca idade, tem uma trajetória intensa. Vive em Nova Jerusalém há seis anos, após morar em Parauapebas (PA) e em Sorriso (MG) – mudanças que ocorreram para buscar melhores condições de vida para a família. A escolha definitiva por Canaã aconteceu após sua mãe enfrentar uma depressão causada pelo fim de um relacionamento. Abandonados pelo pai, ela e seus quatro irmãos foram criados pela mãe, enfrentando as adversidades com resiliência. Em meio a esses desafios, a jovem encontrou em Canaã dos Carajás uma oportunidade de trabalho e uma chance de começar sua própria família. Foi nessas terras que se casou e nasceu o seu primeiro filho, Maurício, um legítimo cidadão canaense.

*Filha de uma agricultora, seguiu os passos da mãe, sustentando-se através da agricultura desde que sua família se estabeleceu na comunidade.*

*Divide seu tempo entre as costuras no ateliê e as conversas animadas com as mulheres mais velhas*

*Foi nessas terras que se casou e aguarda o nascimento de seu primeiro filho, um legítimo cidadão canaense*





*Valmira*

Valmira Gonçalves Moreira

Caririnha - Bahia >> Canã dos Carajás  
desde 2020



# Valmira Gonçalves Moreira

Valmira, 51 anos, chegou a Canaã dos Carajás recentemente. Natural de Cariranha, na Bahia, viveu em sua cidade natal até os 43 anos. A perda de seu pai, aos 11 anos, marcou profundamente sua infância. A única herança que ele deixou foi um cavalo branco chamado Telegrama, que morreu um ano depois, tomado pela tristeza.

Aos 16 anos, Valmira casou-se com Durvalino. O sofrimento que enfrentou ao lado de sua mãe viúva foi ofuscado pelos anos de casamento conturbado que viriam. Desde cedo, ela passou a ser agredida pelo marido, mas nutria a esperança de que ele mudaria. No entanto, com o nascimento dos filhos, as agressões tornaram-se mais frequentes. Durval a machucava quando lhe con-vinha. Em mais de duas décadas de casamento, o único presente de Dia dos Namorados que recebeu foi a pequena Núbia, nascida em 12 de junho de 1997.

Durante dez anos, a família sobreviveu com a renda que ela obtinha do traba-lho com carvão e do Bolsa Família. Ela ainda se lembra vividamente da brutal agressão, em 2015, que a fez decidir pôr fim ao casamento e planejar sua fuga.

Certa manhã, quando o marido saiu para fazer um frete, Valmira reuniu suas economias, vendeu os poucos utensílios domésticos que possuía e, com a ajuda de um motorista, fugiu para Nova Xavantina, no Mato Grosso, para reconstruir sua vida. Lá, conseguiu emprego como auxiliar de servi-ços gerais em um colégio religioso e acreditou ter encontrado um novo amor. No entanto, três anos depois, descobriu que o segundo marido havia abusado de sua filha.

Mais uma vez, ela abandonou tudo em busca de um lugar seguro, onde ela e os filhos pudessem viver livres da violência. Em 2020, durante a pandemia, conheceu Jonas, por meio dos cultos on-line da igreja em que ambos con-gregavam. Antes de iniciar um novo relacionamento, ela pediu uma confir-mação divina e, após recebê-la, decidiu encontrá-lo pessoalmente. Jonas foi até Nova Xavantina para conhecê-la.

Natural do Tocantins, ele morou em Sapucaia e há 35 anos está em Canaã dos Carajás, na Vila Planalto. Em outubro de 2020, eles se casaram, e Valmira finalmente encontrou sua “terra prometida”. Agora, vive em um lar de paz, de onde só deseja partir ao fim da vida. Na ampla casa, com um açude à frente, cães e árvores frutíferas, o casal mora na Vila Planalto com os filhos e a mãe de Valmira, abrigados pelas bênçãos da Congregação Cristã do Brasil, igreja em que seus caminhos se cruzaram.

Dentre as vilas que compõem a zona rural de Canaã dos Carajás, a Vila Planalto é a mais próxima do núcleo urbano, situando-se em um entron-camento estratégico entre a Mina do Sossego e outras vilas do município. Graças a essa localização privilegiada, a população de lá tem crescido, bene-ficiando-se de uma infraestrutura mais desenvolvida, incluindo comércio e acesso a serviços básicos.

*A perda de seu pai, quando tinha 11 anos, marcou profundamente sua infância*



*Desde cedo, ela passou a ser agredida pelo marido, mas nutria a esperança de que ele mudaria*



*Reuniu suas economias, vendeu os poucos utensílios domésticos que possuía e, com a ajuda de um motorista, fugiu*



*Agora, vive em um lar de paz, de onde só deseja partir ao fim da vida*



## *Maria Enfermeira*

### Maria Emília Beserra

Jaguaribara - Ceará >> Canã dos Carajás  
desde 1984

Maria Emília Beserra, carinhosamente conhecida por todos na cidade como Maria Enfermeira, nasceu em 1948. Quando Suzana, funcionária da Emater, chegou a Canã dos Carajás, Maria e outras jovens profissionais compartilharam moradia na Casa das Enfermeiras, onde as recém-chegadas à emergente Canã começaram a construir suas vidas. Em março de 2024, já bastante debilitada, Maria Emília foi homenageada na abertura do Seminário Cidades Seguras para as Mulheres. Dias depois, com entusiasmo e generosidade, se dispôs a conversar conosco, desejando que sua história fosse registrada neste livro. O encontro, agendado para junho, nunca se concretizou. Infelizmente, Maria Emília faleceu no dia 24 de outubro, aos 76 anos. Sempre que respondia às nossas mensagens, explicava que era impossível contar quantas crianças trouxe ao mundo, seja no hospital onde trabalhou, seja nas casas das parturientes. O apelido “Maria Enfermeira” se tornou seu nome verdadeiro. Embora ela mesma não tenha compartilhado sua história, certamente será contada por cada mãe e cada criança que ela acolheu com suas mãos cuidadosas.



## O CESEC

O Centro de Estudos de Segurança e Cidadania (CESeC) foi uma das primeiras instituições integralmente dedicadas aos temas da violência e da segurança pública no Brasil.

Tem como principal objetivo a produção e disseminação de conhecimento nas áreas de segurança pública, justiça e política de drogas. Nosso compromisso é a promoção dos direitos humanos e a luta contra o racismo no sistema de justiça criminal brasileiro.

Em seus vinte e cinco anos de existência, contando com uma ampla rede de parcerias locais, nacionais e internacionais, o CESeC realizou estudos sobre criminalidade, violência contra a mulher, polícia, mídia, justiça, drogas, prisões e sistema socioeducativo; produziu dados estatísticos inéditos; monitorou, avaliou e propôs políticas públicas; articulou redes de pesquisadores e ativistas; organizou debates; apoiou o fortalecimento de lideranças jovens de favelas e premiou iniciativas importantes de ação e informação. Nesse período, desenvolveu 75 projetos e publicou mais de 300 textos, entre livros impressos ou digitais, boletins, relatórios, ensaios e artigos de opinião.

Por meio de pesquisas inovadoras e estratégias de comunicação, o CESeC tem honrado seu compromisso de alimentar o debate público com conteúdos metodologicamente rigorosos e politicamente relevantes para o combate à reprodução da violência, da desigualdade e da discriminação na sociedade brasileira.

Quinze histórias de vida, entre as de muitas mulheres que construíram Canaã desde os anos 1980, expressam de forma contundente e emocionante a multiplicidade de origens, desafios, sustos, perdas e realizações envolvidas nos percursos que fizeram uma cidade.

As histórias foram reunidas em encontros de confiança, com café, dentro das casas, em conversas cheias de afeto e muitas vezes pontuadas por lembranças de dor, e durante oficinas, seminários e papos por telefone, coordenados por Marilene Peres e Bruna Sotero. Tudo isso no contexto do projeto Cidades Seguras para Mulheres, desenvolvidos pelo CESEC em Canaã dos Carajás, em parceria com a Secretaria Municipal da Mulher e Juventude e da Vale.

O talento da antropóloga Flavia Melo, cujo texto reúne a rara capacidade de combinar sensibilidade, valentia e verdade, nos transporta profundamente para os primórdios de Canaã. O que se conta aqui, por meio de histórias emocionantes, é um retrato de mulheres pioneiras, intrépidas e sobretudo corajosas de compartilharem suas lembranças.

Silvia Ramos

Realização:

